

POLITICA.

O Juramento de todos os Principes. — A garantia de todos os Povos.



Nené, diz comigo. — Juro manter a religião Catholica Apostolica Romana, ser obediente á mamã, papai e vovô, e ser fiel ás leis.

Nené. — Ahrnn! Ahrnn, Ahrnn! Ahrnn.

Governo. — Está feito o juramento e garantida a monarchia. D'aqui a trinta annos sua alteza cumprirá o que diz hoje; os principes fazem sempre o que dizem, ainda mesmo ao collo das anas, de *biberon* em punho em vez do sceptro que tomarão mais tarde. — Pêdo Vossa Alteza ir passear, sem licença de mais ninguém. — A monarchia está segura e o povo tranquillo.



Quasi não chegámos para as encomenda n'estes ultimos dias.

Fomos gentilmente obsequiados com cartões de convite para as festas dos Clubs Congresso Brasileiro, Gymnastico Portuguez e para a Philharmonica Fluminense.

Agradecemos os convites ás illustres directorias.

Publicaram-se:

Satanopolis, poema, por Manoel Benício Fontelle.

O *Poema do Amor*, poema por Miguel Evaristo Cardoso.

Os *Subterraneos do Morro do Castello*, por Léo Junius.

Agradecemos os exemplares que recebemos



O Diario Official.



restauração de 5 de Janeiro tem affirmado a sua existencia por innumeras reformas economicas, financeiras e politicas. Exemplo:

Operarios perdidos das officinas.

Papel moeda. Dissolução da Camara.

Tres reformas em nada menos de tres mezes.

Tres actos importantes depois de dez annos de estudo e meditação sobre os meios de salvar a patria.

Acima porém de todas essas reformas, superior a todas ellas, já pela sua significação administrativa, já pela sua significação philosophica, está a grande transformação do *Diario Official*, transformação material e intellectual.

Tudo alli hoje são typos novos, desde o Director, até ao *mignon* do ultimo aviso, desde o titulo da folha até a indicação da famosa casa em que ella é impressa.

N'esta reforma, a mais completa que sabiu

armada da cabeça dos sete directores dos nossos destinos, está evidentemente affirmado, accentuado do modo o mais positivo, o sabio programma da situação que se inaugurou na vespera da chegada dos Reis Magos.

E' tal o espirito economico do gabinete de S. Christovão, que no mais insignificante acto dos seus membros, quer pessoal, quer administrativo, elle salta a todos os olhos e se evidencia como a luz do dia.

Era necessario fazer economias no *Diario Official*. O que faz o governo?

Demitte o seu director e um redactor. Um por falta de confiança politica, porque emfim poderia ter a ousadia de entender que este governo não é precisamente um governo modelo, e outro por ser empregado em uma secretaria e não poder cumprir as suas obrigações, na redacção do *Diario*.

E' nomeado novo director, um escriptor ameno, elegante e illustrado.

— Seja economico, lhe diz o governo, siga o nosso exemplo.

E no dia seguinte o *Diario Official do Imperio do Brazil*, passa a ser simplesmente — *Diario Official Brazil!*

Que economia e que estylo! Puro Victor Hugo!

Depois d'esta bem pensada economia, que nunca fora lembrada por um redactor magro, o *Diario Official Brazil*, abre as suas columnas á defeza do governo. Não se contenta em esclarecer, confirmar ou negar factos ou actos officiaes. Discute doutrina, responde a *apedidos anonymos*, torna-se emfim uma edição da antiga *Reforma* dos tempos em que tudo isto estava pôdro e á beira de um abysmo.

Quando virão os boatos?

Esta nova attitude do *Brazil Official Diario* ou vice-versa, afigura-se-nos um pouco perigosa.

O *Diario etc. etc.* é evidentemente o organo do partido liberal, que chama intolerantes aos conservadores e mais outras cousas.

Se por acaso houver uma dissidencia no partido liberal, ahí teremos nós o *Official Brazil etc. etc.* a descompor os dissidentes do seu partido.

E depois não nos parece consentaneo com a indole de uma folha *Official*, ainda mesmo *Brazil*, o habito de responder a *apedidos*: era muito melhor ficar callado, porque emfim, o callado é o melhor melão e esta fructa está sendo hoje tão apreciada que até aquelles, que pela sua configuração physica tem difficuldades em se curvar, não receiam *render-se* nem estoirar as calças, abaixando se para apanhar — o melão.

Mas, se o habito de responder a *apedidos* é um programma, nós esperamos que no desenvolvimento d'elle, o *Diario etc etc*, abra uma secção para responder a *mofinas*. E para que possa adoptar esse melhoramento, o mais breve possivel, nós pedimos que se nos responda á seguinte:

— O *Diario Official*, apesar de *Brasil* é na Guarda Velha, ou no Castellões?



ZUMBIDOS.



avra a discórdia nos campos de Agramonte, isto é, dos escriptores em geral e dos folhetinistas em particular.

Do *Cruzeiro*, Sic e Amen atiram as mais aguçadas setas contra os seus collegas da *Gazeta*: n'esta apresentação-se um substituto do Tral-gadabas a dirigir o seu fino sorriso de moça contra o escriptor dos *Sem malicia* e o descobridor do maior defeito do *Primo Basilio*; o *Besouro* ataca o *Cruzeiro* e propõe-se a concertar o par de botas rotas — sem par — do illustre Eleazar; a *Revista* vai ao pello do *Diário do Rio*, este mostra que ainda o tem..., e assim vai tudo em uma balburdia, uma confusão, como jámas se viu aqui, n'esta cidade de S. Sebastião, a sede do governo e da sociedade do Elogio Mutuo do Imperio.

E' de se notar, porem, que no meio d'essa azafama, fica só e indifferente a essas cousas, assim como quem não é peixe nem carne, o *Jornal do Commercio*, que não dá a confiança de se intrometer nas brincadeiras dos pequenos...

Tambem estes têm tanto medo do *tutú* da rua do Ouvidor! A gente nem tem coragem de dizer ao Sr. das *Cousas de Casa* que elle é mesmo a cousa mais inosssa da casa, e que aquella casa tem cada *cousa!*... Nem isso.

Pois se a gente tem medo!...

**

E' causa d'esta quebra de relações amigaveis entre elles, principalmente, o *Primo Basilio*, que aqui appareceu como um verdadeiro pomo de discórdia.

Desde então não ha um accordo entre os Srs. escriptores; e o motivo é um e unico: é que todos querem manifestar-se *sobre* elle — como se isso facil fosse. Alguns já o tomaram completamente para o seu uso particular, e já agora o disputam como cousa que é de sua propriedade, d'elles: tal já escreveu 5 — cinco! — estridados artigos a respeito, e ainda não está saciado e parece querer mais.... Pois se é do seu uso particular, o *Primo Basilio!*

**

Isto não é romance, é uma epidemia; parece mesmo uma sensação nova! Agarrou-se á cabeça dos Srs. litteratos, e tem d'alli extrahido, como um verdadeiro unguento *puçativo*, uma serie interminavel de artigos, de que já não ha mãos a medir. Aquelle primo não se devia chamar *Basilio*, mas sim — *Basilicão!*

Elle é no Castellões, e no ponto das Barcas, e no hotel, e na rua, e no theatro, e em toda a parte — o primo Basilio e o Sr. Eça de Queiroz.

— E' demais, ouve-se gritar pelas esquinas, aos que já estão sufficientemente amolados pela conversa; qual Eça nem meio Eça! Não é com *essas...* que se vae a feira!

E olhem que é mesmo!

**

Uma cousa ainda não viram os Srs. folhetinistas accommettidos do *basilismo*; é a criada Juliana, posta em scena com a maior verdade e talento, pela Sra. Vicencia de Moura, no theatro das Variedades.

Vão vel-a na comedia *Caprichos do acaso*, e dir-me-hão se não está alli em carne e osso — em osso principalmente — a Juliana tão magistralmente descripta por Eça de Queiroz e tão magistralmente interpretada por Vicencia de Moura: lá está o balão, e a cueia, e os vestidos exquisitos, e as chies botinas, e a voz esganiçada, e tudo o mais. Pois até o aneurisma parece que vem alli dentro, e em ouvindo-se a sua proprietaria soltar aquellos guinchos, está-se a ver a hora em que vai elle romper-se e fazer experimentar ao publico uma verdadeira sensação... nova.

Vão e verão nos *Caprichos do acaso*, como o acaso é caprichoso!

**

E' talvez a um dos seus caprichos que se deve o espirito encontrado, sexta-feira ultima, na carta do mano Felipe. Está de uma fertilidade pasmosa!

Vejam só a originalidade no modo de anunciar o beneficio do Vasques: « O Vasques é um desengraçado, é mesmo um estúpido! »

E note-se: isto é um agrado, é um brinquedo, é originalidade.

E se pega a moda, em a gente querendo dizer lá na do mano Felipe, que as *Cartas do Caipira* tem graça, é assim que deve ser:

— Aquillo é mesmo uma babuzeira, uma passoca; uma posta de arraia; uma *pestia*; reles mesmo. (Olhem que isto é brinquedo — é para agradecer!)

D. FILHO.



Sermão de lagrimas.



homens.

A virgindade soffrendo em seu pudor na semi-nudez andrajosa da miseria; grinaldas ven-

odos presentemente conhecem a significação desta palavra — o *retirante*, que esconde nas suas quatro syllabas a historia de lagrimas pungentes e desesperada penuria de uma parte da população brasileira.

As sete syllabas do neologismo da desgraça recordam quadros horrorosos como poucos ha de memoria de



THEATROLOGIA POLITICA. — 3.º ACTO DA TRAGEDIA MARIA ANTONIETTA. — A partida de Versailles.

(1) General Lafayette apresenta o Delfim a Zé Povinho como segurança das constituições e impedição pavor das instituições monarchicas (não assim os Lafayette, pelas republicas e pelas monarchias.)

didadas por um punhado de farinha, como a primogenitura bíblica por um prato de lentilhas; a maternidade sacrificada nos seus mais santos devotamentos, buscando em vão succrestar de seu amor uma gotta de leite, para com ella illudir a secureza vesana e a consumpção da fome que lhes assassina impiedosamente os filhos.

Ainda mais; o zelo santo dos deuses lares extinto e a profanação dos mais castos sentimentos conjugaes sem o protesto ao menos da parte dos deshonrados.

Todas estas scenas de lamentosa anormalidade desdobradas pelos caminhos na promiscuidade extenuadora do infortunio, tiveram como complemento o abandono da terra natal, e a emigração para outros climas, outros costumes, outra educação.

O *retirante* que symbolisava uma calamidade, passou a ser o emigrado, que symbolisa uma iniquidade.

Emquanto os desventurados filhos do norte veem a ganancia envenenar com cal a farinha, especulando assim torpemente com a infelicidade de um povo; nós os moradores da corte vemos o governo consentir que as provincias desoladas sejam offendidas nos seus brios de honestidade.

E' voz publica que todos os dias sahem do asylo de immigrants grande numero de donzellas cearenses, cuja boa fé é illaqueada por individuos que lhes fallam como contractadores de trabalho e que por fim as transformam em mulheres perdidas.

Parece que era dever publico velar pela sorte d'aquelles que sahindo do meio de costumes simples foram inopinadamente arremessados em uma capital, que absorveu já todos os vicios do mundo.

Os infelizes recém-chegados não podem de forma alguma prever quantos males lhes póde causar a confiança plena á que estão habituados, depositada em certos habitantes da capital.

A consequencia de tal confiança é serem tiradas do seio das infelizes familias, moças que se resgatam da fome pela prostituição, e isto sem que ao de leve reflectam na baixaza em que vão cahir.

O *Besouro* abre um parenthesis aos seus zumbidos alegres, a sua jovialidade innata, para pedir um pouco de attenção para semelhante facto.

Este reclamo deveria partir dos jornaes sérios, dos que têm a pretensão de dirigir os nossos cerebros e as nossas consciencias e que em ultima analyse não aspiram senão a apanharem o annuncio e a bile da moftina.

Socorrer o povo nas calamidades não é sómente arrancar-o da morte, é tambem preservar a moral social dos profundos golpes que os egoismos facinorosos costumam desfechar-lhe então.

Não basta trancar a bocca dos tumulos, é mister tambem impedir que se satisfaça a voracidade dos prostribulos.



Fió.

ob a razão social G. Vianna & C., o orgam da *memoranda*, é, confessamolo nós, dizem-n'o todos, o poço da sociologia.

Não ha questão que elle não decida immediatamente com uma pennada; encontra solução irrefutavel para todos os problemas no fundo do seu tinteiro.

Isto é que é ser!

Desde que elle existe, marcham em invejavel progresso crescente a civilização brasileira e o consumo da tinta roixa, e tão grande successo dá-lhe jus igualmente a um logar na historia e a um annuncio do Monteiro da tinta.

Conceituoso, profundo, com os deslumbrantes laconismos do genio, o orgam icterico da razão G. Vianna afirma-nos, e é força acreditalo, que — progredir é mudar.

Antes porém engrinalda com a sublime corôa da resignação aquelles homens que, embora de principios mais adiantados, submettem-se « a certos usos, que nada tem de humillante, porque são puramente convencionaes e não atacam por forma alguma os principios de quem os adopta. »

Principios não atacados são principios que os seus possuidores conservam integralmente: principios que não mudaram.

Ora sem mudança não ha progresso, logo a *propriedade de uma sociedade anonyma* usa e abusa da tinta roixa.

Ou isto ou rhuibarbo para a ictericia.

ZÉ.



A cal.



telegrapho, esse frio e indifferente portador das mais tristes e das mais alegres novidades, deu-nos ha dias a noticia de que os nossos patricios do Norte, acossados pela secca e pela fome, estavam sendo mais dizimados porque com a farinha que d'aqui lhes fôra enviada ia de mistura uma porção de cal, insufficiente, é verdade, para cair convenientemente todas as pegas das habitações d'elles patricios, mas bastante para estragar-lhes as diversas dobras dos intestinos, e fazel-os, como cal que é, ficarem *calados* — e por uma vez.

Esta noticia, recebida friamente aqui na capital, actualmente occupada com a discussão dos problemas os mais difficeis e distrahida com o estudo das questões as mais importantes, foi esquecida e posta de parte um momento depois de ser lida nos jornaes.

Pois se é cousa de tão pouca monta! Misturam cal na farinha dos pobres famintos? Tanto peor! Com essa abundancia de cal no buxo o mais que lhes pôde acontecer é que elles venham a ficar caiados internamente—dispensando por este modo a junção de cal á terra da sepultura onde forem ter os seus corpos.

Se foi o governo quem remetteu tal farinha, o negocio da cal—é um *calo* que o governo pregou ao povo... um brinquedo.

Se foi o illustre cidadão Capote ou outro por elle, então o resultado da cal tambem pôde chamar-se *calote*... uma brincadeira.

E fóra essas innocentes reflexões, que partem do intimo das almas as mais bem formadas, apenas uma voz, escorregando pelo lado inferior a baixo, talvez, e por isso, a do Arthur de Oliveira, digna-se tomar em maior consideração esse facto, qualificando-o:

— E' realmente um procedimento *assás!* Mandar aos pobres famintos, farinha temperada com cal... é uma idéa *caliginosa!*

E só.

**

O governo fez como todos. Depois para que tomar providencias, procurar informações, castigar e punir os culpados?

Se é uma cousa que nem fez barulho; do que se trata agora é de deputados e de economias—entenda-se, não é de economias de deputados. E depois a cal como alimento, representa um elemento... de economia. Quem a come não exige, não quer, não pretende nenhum outro sustento—nem nunca mais. Logo está no programma economico.

Demais o povo nem se importa com isso; a imprensa não se ingeriu no negocio; não lembrou providencias; vê-se que não é questão de importância.

E acabou-se; e foi para o limbo do esquecimento, a noticia da cal.

**

Mas nós do *Besouro*, temos receio do futuro. Assim como com os nossos irmãos do norte vem descendo a peste, a fome, as epidemias, não é de duvidar que um dia chegem até nós esses hospedes, e com elles as consequencias funestas de sua apparição.

E n'esse caso, se tal succeder, nós os do *Besouro* temos o maior interesse em nos apartar inteiramente de todos e principalmente do governo n'esta questão de apreciação da cal.

Leve o governo as suas idéas economicas até adoptal-a—como alimento—princípio de economia; os nossos collegas que qualifiquem o facto como *calo*, *calote*, e tudo mais.

Ha porém uma cousa a que não nos havemos de submitter: é fazer a nossa caiação interna. Não queremos, não faremos.

No *genero* já temos aqui muito com que nos divertir: basta-nos a *memoranda do Cruzeiro*, as conferencias da Gloria, uma carta do *Caipira*, a Sr.^a Vicencia de Moura, o *Mequetrefe*, e os bilhetes da loteria...

Cal—isso não queremos: será uma calamidade, maior que todas essas—talvez.

E por isso desde já declaramos a nossa opi-

nião, que vai destoar no silencio geral que a esse respeito se tem feito.

Se o governo insistir em nos dar cal a comer—previna-se o governo: não nos *calaremos*.

Gritaremos com todas as forças dos nossos zumbidos: isto é mais do que um *calo*, é mais que um *calote*—é uma calamidade!

E é.

D. FILHO.



Correio dos Theatros



uas novidades de primeira agua nos theatros fluminenses:

No *Cassino a Moreninha*, peça em cinco actos do Dr. Macedo, do Instituto Historico.

Na Phenix, o beneficio do actor Vasques.

**

A *Moreninha* é uma comedia infantil, innocente como uma creação.

Quem continúa a fazer a *Moreninha*, é a actriz Lucinda. Sobre todas as vantagens tem ainda a de lhe estar a caracter o endiabrado papel.

**

O mesmo se não pôde dizer do actor Furtado, no papel de joven Augusto. Na platéa ouvimos que Augusto, estando doente, pedira a seu pai que o substituisse n'essa comedia.

Intrigas de maldizentes, por fim de contas.

**

Na Phenix, o beneficio do Vasques foi uma festa esplendida.

A scena comica—*Viagem a roda do mundo (a pé)*, tem pilheria a valer.

As *Lagrimas de Maria* fizeram mais uma vez humedecer os ternos olhares dos espectadores.

Com o *Sello da roda* sellou o beneficiado o seu merito dramatico.

Bravissimo!

**

Na noite do beneficio da actriz Appolonia que deve ser no dia 10, quem vai fazer o papel de *Bom Anjo*, do Sr. Furtado, é o actor Areas.

O papel do actor Arêas será desempenhado pela Sr.^a Clelia, fazendo o Snr. Cavalier o d'esta ultima actriz.

E digam que não será uma verdadeira noite de festa!



de Queiroz

AUTOR DO CELEBRE

BELESSIMO LIVRO

O PRIMO BASILIO

HOMENAGEM DE BONDALIO PINHEIRO